

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

LIBERDADE SEXUAL, EMANCIPAÇÃO FEMININA E OBJETIFICAÇÃO DE CORPOS NAS REDES VIRTUAIS DE INTERAÇÃO¹

SEXUAL FREEDOM, FEMALE EMANCIPATION AND OBJECTIFICATION OF BODIES IN VIRTUAL INTERACTION NETWORKS

Larice Carolina Pereira Martins², Marjana da Silva Hedlund³, Ester Eliana Hauser⁴

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Direito da Unijuí. Propõe-se apresentar e discutir a objetificação de corpos femininos na mídia sob uma perspectiva de gênero, liberdade e dignidade.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Direito/UNIJUÍ

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Direito/UNIJUÍ

⁴ Mestre em Direito (UFSC/SC). Professora do Curso de Graduação em Direito da UNIJUÍ.

Introdução:

O presente resumo aborda a questão da objetificação de corpos femininos na mídia sob uma perspectiva de gênero, liberdade e dignidade, bem como, propõe um debate sobre o impacto da hipersexualização e objetificação dos corpos femininos nas redes de interação. O estudo tem como objetivo debater o paradoxo provocado entre os valores da liberdade sexual e da emancipação feminina com a objetificação de corpos ainda muito presente nas mídias e redes sociais. A análise levará em conta o frequente e flagrante processo de superexposição de corpos femininos na internet, fortemente justificada pelo discurso de liberdade sexual, de emancipação feminina e de autonomia da mulher com seu corpo e sua sexualidade, como também os elementos de exploração, dominação e abuso ainda evidentes, o que não apenas evidencia a presença da máxima de que mulheres são “produtos a serem consumidos”, reforçando o machismo, como também relativiza e coloca em questão a própria idéia de liberdade feminina.

Palavras-chave: Liberdade sexual. Emancipação feminina. Objetificação de corpos. Questões de gênero. Violência contra mulher. Interações nas redes sociais e mídias digitais.

Keywords: Sexual freedom. Female emancipation. Objectification of bodies. Gender issues. Violence against women. Interactions on social networks and digital media.

Metodologia:

O trabalho foi desenvolvido pelo método hipotético-dedutivo, por meio de pesquisa bibliográfica em livros, sites, artigos e mídias disponíveis online, a partir do levantamento de informações relacionadas ao estudo de gênero e empoderamento feminino, além do estudo sobre a objetificação de corpos nas redes sociais. Trata-se de um estudo que tem por escopo investigar se a utilização das mídias como ferramenta de demonstração da “libertação” e “empoderamento” feminino, no que tange a exposição do próprio corpo, não representa, de fato, novo e sutil modelo de objetificação de corpos femininos que contribuiu para a consolidação e favorecimento da cultura machista da sociedade atual.

Resultado e discussão:

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

O debate em torno do tema liberdade sexual feminina, alçado, nas últimas décadas, como uma das grandes bandeiras do movimento feminista, exige reflexão sobre os conceitos de gênero, empoderamento feminino, igualdade e dignidade, uma vez que estes representam as bases do pensamento e das lutas feministas contra as representações machistas e patriarcais na sociedade. Tendo por referência tais categorias, a problemática social discutida no presente resumo refere-se às diferentes formas de expressão de mulheres nas redes virtuais de interação, principalmente no que tange a exposição de seus corpos, com o objetivo de problematizar e produzir mudanças de alguns segmentos machistas e patriarcais, a fim de concretizar o domínio sobre seus corpos, sua imagem e seu prazer como mulheres.

Questões de gênero e o empoderamento feminino

Inicialmente, impende destacar o conceito de gênero, que segundo a socióloga Joan Scott (1989), é a palavra utilizada para referir-se a distribuição dos papéis sociais atribuídos aos indivíduos, divididos de maneira hierarquizada e desigual, ao longo do tempo, estabelecendo relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Ainda, a fim de melhor se compreender os papéis sociais atribuídos historicamente para as mulheres e refletir a situação feminina na objetificação de seus corpos, a palavra gênero indicaria “rejeição ao determinismo biológico e da visão normativa das feminilidades impostas pelos conceitos patriarcais” (SCOTT, 1989, p.3).

Essas relações de poder e desigualdade foram evidenciadas e reproduzidas em todas as gerações, tendo em vista que o padrão patriarcal enraizou-se na sociedade moderna e capitalista, o qual reconheceu como aceitável somente o modelo binário: homem e mulher. Tal sistema patriarcal caracteriza-se pela tentativa de definir a submissão feminina como natural, científica e moralmente aceitável. Isso porque, desde os primórdios, a mulher foi representada de maneira apática, sendo sua figura totalmente afastada do ser político, intelectual e até mesmo sexual, tendo em vista que sua sexualidade não lhe pertencia, mas sim, servia como um dos instrumentos para a submissão à superioridade ao homem e seu ofício de dominador e sexista. Nessa perspectiva, é mister entender que a lógica de subordinação das mulheres e a objetificação de seus corpos consolidou-se paralelamente ao sistema capitalista-patriarcal de produção e consagrou um modelo de organização social e familiar, que se sustenta até os dias atuais, a partir de uma lógica de dominação masculina, em que a mulher é vista como objeto dos interesses ou como propriedade, primeiro do pai e depois do esposo, sendo que esses, receberam autorização ou, pelo menos, tolerância para punir as mulheres que fossem “desviadas” e “impuras” do padrão socialmente estabelecido (SOUSA e SIRELLI, 2018, p. 326-345).

Neste processo histórico, marcado por diferentes formas de controle sobre a mulher, definiu-se que esta não teria direito ao livre exercício de sua própria sexualidade, assim como fazem os homens, e que, caso desviasse dos padrões comportamentais considerados adequados, ficaria sujeita à diferentes formas de penalizações e julgamentos sociais, proferidos inclusive por outras mulheres, numa lógica de depreciação, demonização e, inclusive, de criminalização. Neste cenário, até mesmo o Sistema Penal, no processo de criação e aplicação de leis penais reproduziu historicamente, e ainda reproduz, compreensões sobre padrões comportamentais femininos, absolutamente marcados pela lógica de aprisionamento da sexualidade da mulher, seja quando insiste na criminalização do auto aborto, ou quando sustenta a “lógica da honestidade” nos julgamentos de crimes de estupro, em que pese a expressão “mulher honesta” tenha sido retirada da legislação brasileira há mais de dez anos, a partir da vigência da Lei 12.015/09. Tais controles, jurídicos e sociais, foram e continuam



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

sendo utilizados como instrumento para a disciplina dos corpos femininos, seja no que diga respeito a aparência, a autoestima e/ou comportamentos.

Á vista disso, surgem debates sobre a exploração e opressão do gênero feminino em diferentes sociedades, classes e grupos sociais, chamando-se o movimento de feminismo, ancorado na ideia de equidade e na constituição das mulheres como sujeitos de suas próprias lutas. Assim, abrem-se caminhos para a emancipação das mulheres frente às desigualdades e diferentes formas de opressão ainda existentes, o que pressupõe um processo de empoderamento feminino, sendo ele expressado por ações de fortalecimento e pela busca da equidade de gênero. Através desse empoderamento é que se constituíram as principais lutas cotidianas anti-sistêmicas e anticapitalistas, que referem-se ao combate dos grupos dominantes que usam de suas características de superioridade social para justificar a opressão, vantagens e privilégios em uma sociedade patriarcal.

A interação nas redes sociais e a objetificação dos corpos

Em que pese todo o processo de desconstrução do machismo e do patriarcado iniciado a partir das lutas feministas, não restam dúvidas de que o corpo feminino ainda é amplamente objetificado e estereotipado, através de conceitos masculinos de beleza e comportamento adequado. Para uma melhor análise do descrito, toma-se como exemplo a interação nas redes sociais e mídias atuais pelo mundo todo e como a objetificação da imagem e dos corpos femininos tornou-se algo frequente mediante a uma exposição forçada dos mesmos, buscando uma constante aprovação.

Desde os anos de 1980, as representações do gênero feminino no cinema ou em imagens publicitárias, em sua grande maioria, possuem referências diretas a temática do consumo, sendo recorrente a objetificação do corpo das mulheres, cuja imagem, vinculada à produtos anunciados, coloca o corpo feminino no mesmo lugar de objeto, apresentando-o como bem de aquisição e consumo. E essa objetificação não se restringe ao corpo feminino exibido nas imagens, ela também se materializa controlando as formas de prazer, desejo, felicidade, sucesso e conquista destas mulheres, que ganham um caráter erotizado. Portanto, há, de um lado, a imagem da mulher associada à vida privada do lar, preservada na sua invisibilidade e, por outro lado, tem-se o uso de imagens do corpo feminino objetificado em meios de comunicação tornando-o desprovido de privacidade, passando a significar o desejo em si, formatado sob um olhar masculino, de seus desejos ou necessidades. Com isso, após ser visualizado tantas vezes como símbolo universal do desejo emocional e sexual, os corpos femininos são superexpostos, conferindo as mulheres uma visibilidade como objeto, e, raramente, como sujeito (ROSSI, 2017).

Ocorre que mesmo na atualidade e em que pese o crescimento de movimentos e lutas pela emancipação e empoderamento femininos, dos quais resultaram avanços significativos no processo de libertação de padrões preconcebidos e naturalizados, de domesticidade, pureza e controle da sexualidade atribuídos às mulheres, estas ainda se vêem perseguidas por padrões, agora novos e reelaborados, de beleza ou de comportamento, que se colocam como novas formas, bem mais sutis, de controle de seus corpos e suas mentes. Ainda, seguir aos padrões de beleza é uma obrigação para as mulheres, mas não para os homens, pois tais padrões, além de inatingíveis, dizem respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens sobre os corpos femininos. As qualidades consideradas belas nas mulheres são apenas padrões de comportamento feminino que homens ou a indústria da beleza julgam ser desejáveis e que devem ser seguidos. O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não somente a aparência (WOLF, 1992).

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

Atualmente as redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter, e até mesmo Whatsapp, são muito populares entre adolescentes e jovens, porém as mulheres, em particular, se vêem em um espaço que estimula a exposição física de seus corpos na tentativa de encaixarem-se aos padrões que se espera delas e, a partir deles, sentirem-se aceitas e reconhecidas. Nestes espaços, infelizmente, também surgem novos tipos de violência de gênero, como a perseguição, o assédio, o roubo de informações e a publicação de fotos e vídeos íntimos sem autorização, em que as vítimas são mulheres que têm exposta sua intimidade ou seu nome diante do olhar de qualquer pessoa que utilize a internet. Esta exposição não autorizada do corpo feminino, para muitas, significa a ruína da sua aprovação pessoal, o fim de uma carreira profissional ou política, como também o fim do respeito no trabalho, na escola ou comunidade. Segundo Leonor Natansohn (2013) às perdas resultantes destas situações e o desespero que podem ocasionar, podem conduzir ao desenvolvimento de depressões e ataques de pânico, e têm sido uma das maiores causas de suicídios entre as mulheres, o que é confirmado pelo Relatório Violência, suicídio e crimes contra a honra de mulheres na internet, da Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados, 127 mulheres e meninas suicidaram-se no Brasil por causa de exposição online entre os anos de 2015 e 2017, neste mesmo período, foram relatados mais de 500 casos de pornografia de vingança e 1000 crimes contra a honra.

O desafio que advém deste cenário é também o desafio cultural de enfrentamento ao patriarcado e à dominação masculina, que banaliza a violência contra mulher sob o argumento de que o espaço da rede é apenas lúdico e não de violências, buscando esvaziar tentativas de enfrentamento desta realidade. Desta exposição forçada dos corpos advém a crítica feminista à objetificação, que não tem a ver apenas com a forma como as mulheres são representadas pela mídia, mas sim em como o capitalismo e os conceitos masculinizados moldam os comportamentos e interesses, atuando sobre as nossas subjetividades. Questionar os mecanismos que fazem com que as mulheres estejam todo o tempo disponíveis e se movam em função dos interesses dos outros é um caminho para articular as resistências que precisamos construir e fortalecer a fim de combater essa forma de violência (DA COSTA, 2018).

A liberdade sexual versus a dignidade da mulher

A maior liberdade sexual feminina faz parte do processo de emancipação e domínio das mulheres sobre seus próprios corpos e suas próprias escolhas e, assim como vem representando um significativo avanço, também tem produzido novas formas de abuso e exploração, muitas vezes, sutis e invisíveis. Esta realidade é comum nas redes virtuais de interação nas quais, muitas vezes, sob a justificativa da maior liberdade sexual e da emancipação feminina, opera-se um processo de superexposição dos corpos de mulheres que, objetificados, servem apenas para o fortalecimento do machismo, da cultura do abuso e da violência contra a mulher. Neste contexto, a liberdade e empoderamento feminino, porque mal compreendidas, acabam servindo como justificativa para uma espécie de “neo objetificação”, mais sutil, que abre espaço para ação de abusadores e agressores e para novas formas de violência contra a mulher, tão combatidas por todos aqueles que lutam pela igualdade de gênero.

Em tempos de interações virtuais, essa questão mostra-se mais relevante, pois ainda que a mulher se liberte de todos os padrões e viva de maneira livre, ela estará sujeita a julgamentos e poderá ter sua imagem utilizada de forma inadequada, muitas vezes apenas por não ter correspondido aos padrões considerados ideais. Não há dúvidas que o corpo e o prazer da mulher pertencem somente à ela, mas este tema também deve ser pauta de debate na sociedade, pois do contrário corre-se o

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

risco de seguirmos reproduzindo padrões machistas, colocando a mulher como um objeto sexual, principalmente pela ampla divulgação em redes sociais de cenas ou imagens de “corpos” femininos, quando tal divulgação visa apenas chamar atenção ou atender aos desejos e interesses masculinos. Ou seja, trata-se aqui de nos questionarmos até que ponto a liberdade sexual das mulheres na internet (como postagens de vídeos, fotografias e a indústria pornográfica) tem o objetivo específico de atender a sua liberdade de escolha ou estaria somente fornecendo conteúdo para os homens, numa lógica de objetificação de seus corpos e vidas.

A luta feminista acredita e defende uma liberdade plena (para homens e mulheres), também no campo da sexualidade, todavia, o exercício desta liberdade ainda produz julgamentos que geram imenso sofrimento, especialmente quando o uso dela abre espaço para, numa sociedade de interações mediadas pela redes sociais, a superexposição dos indivíduos, para julgamentos cruéis e para novas formas de objetificação dos corpos. Trata-se de um paradoxo sobre o qual mulheres e homens precisam refletir e que exigem que se pense sobre o significado do valor liberdade, pois, ao mesmo tempo que as mulheres hoje assumem, gradativamente, o poder sobre seus corpos e sobre o seu prazer, muitas vezes também se submetem, pela via da superexposição em redes sociais, pela adesão a padrões estéticos impostos pela “indústria da beleza” e pela necessidade de aceitação e reconhecimento, a lógica de objetificação da mulher tão comum à cultura machista e ao patriarcado. Simultaneamente, a superexposição também abre caminho para novas formas de violência, abuso e desrespeito contra as mulheres, o que se faz pela má utilização de imagens em redes sociais, com a adoção de atitudes virtuais (comentários, compartilhamentos, etc...) que as objetificam e as reprimem, sexualizando todos os corpos femininos expostos nas redes, o que pode se configurar como destrutivo, com inúmeros casos de violência contra mulheres adultas ou de pedofilia nos casos de adolescentes.

Considerações finais:

O presente resumo propôs-se a refletir e discutir a objetificação dos corpos femininos nas redes sociais, sob uma perspectiva de gênero e emancipação feminina. Sendo assim, conclui-se a dominação sexual masculina sob o corpo feminino foi construída historicamente, sendo que esta ideologia ainda está amplamente presente e bem definida na atualidade, evidenciando-se, em especial, nas redes sociais de interação virtual.

A objetificação sexual dos corpos das mulheres, seja na mídia ou nas interações virtuais, é pauta a ser discutida nas lutas e movimentos sociais, pois trata-se de buscar a preservação da dignidade dessas mulheres e proporcionar a elas o direito pelo controle real e efetivo do próprio corpo. A mídia e a internet, apesar de configurarem o campo para a produção de violências ora citadas, possuem o poder de alcançar diariamente milhares de pessoas, podendo ser, inclusive, um grande instrumento para reverter essa desigualdade e promover mudanças na cultura que sustenta e justifica diversas formas de violência e exploração da mulher.

Referências Bibliográficas:

WINSHIP, Janice. Pornography, Men Possessing Women. Andrea Dworkin (Book Review). *Feminist Review*, n. 11, p. 97, 1982.

FERNANDES, Leonísia Moura. Traduzir a língua do medo para superar a cultura de estupro.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

Gênero e Direito. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas-Universidade Federal da Paraíba, 2015

ROSSI, Túlio Cunha. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social**, v. 29, n. 1, p. 234-255, 2017.

DA COSTA, Ana Kerlly Souza. Hipersexualização frente ao Empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada. **Anais do Seminário de Gênero e Sexualidade**, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rocco, 1992.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. vol. 20. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1995.

NATANSOHN, Leonor Graciela. **Internet em código feminino: teorias e práticas**. 1ª ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : La Crujía, 2013.

SOUSA, Marília de Oliveira de; SIRELLI, Paula Martins. **Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher**. Serviço Social & Sociedade, n. 132, p. 326-345, 2018.

SOUZA, Janara. **VIOLÊNCIA ONLINE CONTRA A MULHER: contexto e estratégias de prevenção**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/apresentacao-ap-280917-crimes-ciberneticos_janara>. Acesso em 14 de jul. de 2020

Parecer CEUA: 2208566